



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v.15, n.29, e202361798, 2023

DOI: 10.35520/mulemba.2023.v15n29e202361798

Dossiê

O ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: relato de experiência do/no PIBID

Teaching Portuguese Language African Literature:
Report of experience from/in PIBID

Cíntia Acosta Kutter 

Universidade Federal Rural da Amazônia. Tomé-Açu, AM, Brasil.

E-mail: cintia.kutter@gmail.com

Editoras-chefe

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores Convidados

Cinthia da Silva Belonia
Guilherme de Sousa Bezerra
Mariana Dias
Renata Gomes
Sheila Ribeiro Jacob

Recebido: 03/09/2023

Aceito: 17/10/2023

Como citar:

KUTTER, Cíntia Acosta.
O ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: relato de experiência do/no PIBID. *Revista Mulemba*, v.15, n.29, e202361798, 2023. doi: <https://doi.org/10.35520/mulemba.2023.v15n29e202361798>

RESUMO

O presente relato de experiência pretende refletir sobre a prática docente do grupo de pibidianos do curso de Letras da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), no município de Tomé-Açu, no subprojeto *Karingana wa karingana: leitura e contação de histórias africanas e afro-brasileiras*. Com isso, discutimos as ações desenvolvidas pelos alunos enquanto práticas engajadas (LANTERMAM e AGOSTINHO, 2017) que resultaram em vivências que coadunam teoria e práxis (FREIRE, 1996) e que resultaram em regências individuais voltadas para a temática do subprojeto.

Palavras-chave:

Ensino, Prática, PIBID, Literaturas Africanas, Literaturas Afro-brasileiras.

ABSTRACT

This experience report aims to reflect the teaching practice of the group of students from Literature at the Federal Rural University of the Amazon (UFRA), in the municipality of Tomé-Açu, in the subproject Karingana

wa karingana: reading and telling African and Afro-Brazilian short stories. We will discuss the actions developed by the students as engaged practices (LANTERMAM and AGOSTINHO, 2017) that resulted in experiences that combine theory and praxis (FREIRE, 1996) and resulted in individual instructions focused on the theme of the subproject.

Keywords:

Teaching, Practice, PIBID, African Literatures, Afro-Brazilian Literatures.

RESUMEN

Este informe de experiencia tiene como objetivo reflexionar sobre la práctica docente del grupo de pibidianos del curso de Literatura de la Universidad Federal Rural de Amazonia (UFRA), en el municipio de Tomé-Açu, en el subproyecto Karingana wa karingana: leer y contar historias africanas y afrobrasileñas. Con esto, discutimos las acciones desarrolladas por los estudiantes como prácticas comprometidas (LANTERMAM y AGOSTINHO, 2017) que resultaron en experiencias que combinan teoría y praxis (FREIRE, 1996) y que resultaron en regencias individuales centradas en el tema del subproyecto.

Palabras-clave:

Enseñanza, Práctica, PIBID, Literaturas Africanas, Literaturas Afrobrasileñas.

Nascem educadores e a Lei 10.639/2003: (des)cumprimento × prática engajada?

O Programa Institucional Brasileiro de Iniciação à Docência (PIBID/ CAPES), do curso de Letras, vinculado à Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), *campus* Tomé-Açu, é desenvolvido em duas escolas do município de Tomé-Açu, pertencente à Mesorregião do Nordeste Paraense. O subprojeto intitulado *Karingana wa karingana: leitura e contação de histórias africanas e afro-brasileiras* teve início em setembro/2022 e será finalizado em fevereiro/2024, proporcionando aos dezesseis pibidianos bolsistas a experiência da vivência docente em duas escolas da cidade: Escola Dr. Anthódio Barbosa e a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Raimundo Sampaio Rodrigues. O projeto é acompanhado por duas professoras supervisoras em suas respectivas turmas do 8º ano do Ensino Fundamental, no turno matutino.

Segundo Simone de Beauvoir (1967), “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (p. 9). O mesmo serve para o educador. Os discentes, em sua maioria, ingressam

em um curso de licenciatura, mas não imaginam o que farão com esse curso, parafraseando Saramago (2015), uma vez que seu ingresso, na maioria das vezes, se deu por questões de oportunidade (curso disponível na região), relação candidato/vaga pouco competitiva, ausência do curso desejado em localidade próxima, entre outros fatores. Um número ínfimo ingressara certo da escolha pela carreira do magistério, experiência própria, mas nesse lugar de incertezas residem os grandes catalisadores da mudança e do despertar universitário, que acabam por fazer a diferença na jornada acadêmica de muitos discentes: os docentes.

O subprojeto supramencionado ancora sua discussão por meio de textos, oficinas e debates para compreendermos como efetivar a Lei 10.639/2003, que completou vinte anos em 2023, mas infelizmente ainda não possui sua aplicabilidade plena em território brasileiro. Nesse relato de experiência, voltado para o ensino das literaturas africanas de língua portuguesa e afro-brasileiras, dirigimos nosso olhar para os caminhos amazônicos, cenário no qual desenvolvemos o projeto PIBID. Nesse sentido, somos compelidos a pensar sobre os caminhos trilhados para chegarmos até aqui, como veremos nas reflexões sobre os subprojetos dos quais já tivemos a oportunidade de participar.

Desse modo, nossas indagações se iniciam pelo questionamento sobre a aplicação da lei em estabelecimentos de Ensino Fundamental I e II, Médio e Superior nos municípios de Tomé-Açu e Belém. É plausível pensarmos que as instituições públicas da Educação Básica não possuem professores capacitados ou disponíveis para tal ensejo, mesmo levando em conta que em vinte anos as SEMED's, prefeituras e Estado já poderiam ter sanado tal problemática. Mas nosso grande questionamento enquanto pesquisadores do Ensino Superior é justamente nesta seara: por que Universidades Federais com cursos de Letras, que possuem em média trinta anos, ainda não se adequaram? Por que não propõem nenhuma disciplina, nem obrigatória, nem eletiva, voltada para as literaturas africanas de língua portuguesa e/ou afro-brasileira? Pontos para uma reflexão delicada e atenta.

Nosso contentamento é que a Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), sede do projeto PIBID, conta com um corpo docente engajado com as proposições sociais e capaz de lançar um olhar comprometido para a formação de seu alunado, permitindo que nossos estudantes sejam contemplados com vivências acadêmicas que visam à luta contra o racismo, a homofobia, a misoginia e a xenofobia.

A experiência do PIBID: teoria, prática e vivências

Pensar o PIBID e seus desdobramentos no ensino-aprendizagem dos graduandos, especificamente do curso de Letras, é refletir sobre como a teoria se transmuta em prática pedagógica engajada e resiliente, assim como,

no conjunto das atividades que se entrelaçaram na tessitura do exercício da docência para cada estudante singular, buscamos balizar a direção de um percurso formativo e sinalizar para uma formação de professores que almeja contribuir para o desenvolvimento da criança na responsabilidade social da formação do humano no ser humano, e com esse pressuposto, pelo seu fazer docente – campo da didática, enquanto campo de mediações necessárias entre o conhecimento e a sua objetivação na atividade escolar – criar condições necessárias para a apropriação da experiência e para pensar sobre os processos de conhecer, ensinar e aprender. (LANTERMAM e AGOSTINHO, 2017, p. 105).

Refletir sobre a formação estudante/humano/docente possui como tríade complementar conhecer/ensinar/aprender, pilares alicerçados pelos licenciandos durante os dezoito meses em que desempenham suas atividades junto ao PIBID. Lembrando que a prática docente, como nos ensina Paulo Freire, precisa ser pautada naquilo que desejamos viver, pois,

quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnoseológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (FREIRE, 1996, p. 13).

Desse modo, a experiência relacionada à prática pedagógica engajada, o ensinar e aprender se transformam no ato de aprendizado mútuo, afetivo e autêntico. Com isso o PIBID reenfatiza como o primeiro contato do licenciando necessita se dar de forma afetiva, empenhada e acima de tudo disponível e competente, para que haja o comprometimento de ambas as partes a fim de que o vínculo aluno/professor nasça da confiança e empatia.

Passemos às vivências nos/dos subprojetos PIBID.

Africanidades (UFRJ/ FAETEC)

A proposta do subprojeto Africanidades, vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pretendeu a inserção do programa PIBID na Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC), unidade Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch (ETEAB), para a introdução dos graduandos e futuros docentes na vivência da prática escolar. O desafio proposto foi o de desenvolver o projeto em uma escola de cursos majoritariamente técnicos: ou seja, contava com alunos dos cursos de Dança, Eventos, Administração, Turismo, Áudio e vídeo, Hospedagem e Publicidade e propaganda.

Nesse subprojeto, atuei como supervisora, auxiliando os pibidianos na aplicabilidade das regências e oficinas às turmas selecionadas. Como nosso projeto foi desenvolvido atrelado a outro mais amplo, o PIBID Português-Literaturas, gerido desde 2014 pelas Professoras Doutoras Ana Crelia Penha Dias e Maria Fernanda Alvito Pereira de Souza Oliveira,

[...] os maiores desafios que se impõem ao professor não são os de ordem formal, mas aqueles que se ligam ao deslocamento necessário dos sujeitos, para que os exercícios de linguagem, longe da repetição de modelos, apresentem-se como situações de produção discursiva em que cada um possa ler-se e escrever-se, descobrir-se e inventar-se outro, em novos espaços e posições. Para atuar como mediador nesse processo de aprendizagem e mudança, o professor de Língua Portuguesa necessita desenvolver habilidades próprias da pesquisa docente, em que os saberes de referência se conjugam para iluminar e gerar proposições para as situações sempre concretas e particulares do ensino. É esse tipo de trabalho que o PIBID Português-Literaturas procura desenvolver na formação dos licenciandos, por meio de experiências de planejamento e realização conjunta de atividades junto aos alunos da escola e de atividades reflexivas em que a diversidade de ancoragens – dos licenciandos, da supervisora, da coordenadora e da colaboradora – busca contemplar melhor a complexidade dos problemas com que o professor se defronta. (DIAS, OLIVEIRA e MENEZES, 2012)

Pensando o processo de aprendizagem e de (re)invenção, adaptamos nossas atividades para um espaço de interesse comum aos licenciandos dentro da grande área de atuação da literatura: as literaturas africanas de língua portuguesa e afro-brasileiras. Com isso, surge o subprojeto *Africanidades* que, além de conduzir os oito discentes participantes em suas atividades, culminou em um evento de extensão, de mesmo nome, organizado em parceria com a escola, que contou com mesas redondas, palestras, contação de histórias e apresentações de dança.

Ao fim, contávamos com a maioria expressiva de alunas/os oriundos do curso de Dança, o que resultou na apresentação coreográfica (avaliação final), do primeiro ano concomitante, inspirado no romance Niketche, uma história de poligamia, da moçambicana Paulina Chiziane, trabalhado no subprojeto. Nossa proposta teve início em março/2014 e foi finalizada em fevereiro/2015, devido à minha licença-maternidade (março/2015).

Karingana wa karingana: leitura e contação de histórias africanas e afro-brasileiras (UFRA)

O atual subprojeto, intitulado *Karingana wa karingana: leitura e contação de histórias africanas e afro-brasileiras*, está em vigência desde setembro/2022, com culminância programa até fevereiro/2024, e é desenvolvido concomitantemente em duas escolas municipais: a Escola Dr. Anthódio Barbosa, localizada no centro da cidade, e a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Raimundo Sampaio Rodrigues, alocada na comunidade da Portelinha, na cidade de Tomé-Açu, interior do Pará. Nosso propósito foi destinar o projeto a duas comunidades pertencentes a realidades sociais diferentes, pista¹ e comunidade, e compô-lo por uma coordenadora, duas supervisoras e inicialmente dezesseis PIBIDIANOS bolsistas.

A proposta tem início com a criação da Lei 10.639 de 2003, que estabeleceu a obrigatoriedade da inclusão da história e cultura afro-brasileira no currículo das escolas brasileiras. Fato este que alterou a lei nº 9.394, existente desde dezembro de 1996, que já estabelecia a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, mas infelizmente nenhuma das duas leis foi/é obedecida na íntegra.

Algumas escolas e universidades brasileiras não agem de forma enfática para que a lei seja de fato implementada, seja por falta de profissionais capacitados ou por mera desvalorização da cultura e história afro-brasileira, o que culmina em um desserviço à sociedade que, por sua vez, perpetua a cultura de práticas racistas. Bosi (2003) nos lembra que “o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’” (p. 36) para um lugar onde a memória será a ferramenta fundamental para essa prática.

Nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, provenientes de Angola, Moçambique, Guiné Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, esta memória ancestral é passada de geração a geração por meio da contação de histórias, pela voz dos *griots*. Nas culturas orais, das quais as literaturas africanas se apresentam como

¹ Termo que em Angola denomina asfalto, para designar uma localidade com melhor infraestrutura, o que salienta as diferenças sociais, como nos lembra Luandino Vieira em seu conto *A fronteira de asfalto*, presente na obra *A cidade e a infância* (1960).

herdeiras, eles são os responsáveis pela memória coletiva de seu povo. Por esse motivo, quando um *griot* morre, costuma-se dizer que “com ele morre uma biblioteca”, pois esses são conhecidos como detentores do saber ancestral. Além de ocuparem uma posição importante em sua comunidade, eles podem ser considerados “os escritores sem papel”, pois todos os contados são memorizados e passados aos “mais novos” na forma de contação, sem nenhum tipo de registro escrito. Como guardiões, intérpretes e cantores da história oral, são considerados testemunhas do passado, cantores do presente e mensageiros do futuro. Ou seja, o papel da oralidade é conservar uma tradição passada de geração em geração a fim de manter viva a história africana e afro-diaspórica.

Nesse sentido, o projeto tem como objetivo propor um trabalho voltado à contação e à reflexão a partir de histórias tradicionais africanas e afro-brasileiras e é desenvolvido nas escolas do município de Tomé-Açu, tomando como base a oralidade africana. Para isso, recorreremos às/aos contadoras/es de histórias na Literatura Afro-brasileira – Conceição Evaristo, Ruth Guimarães, Miriam Alves, Lia Vieira e Cuti – e nas Literaturas Africanas: Ondjaki, Paulina Chiziane, Nelson Saúte, Eliseu Banori, Lourenço do Rosário, Mía Couto e Luis Bernardo Honwana.

A necessidade de pensar essa proposta partiu da constatação de que os graduandos, em especial os do curso de Letras, *campus* Tomé-Açu, chegaram aos bancos universitários relatando grande dificuldade quanto à questão de leitura e interpretação, assim como um “quase total desconhecimento sobre literatura”. No que se refere ao contato com textos e/ou discussões ligados à questão da história e cultura afro-diaspórica, não há lembranças relevantes, quando indagados sobre o tema.

As escolas do município de Tomé-Açu, como a maioria dos estabelecimentos de ensino públicos, infelizmente ainda vivenciam muitas questões ligadas à precariedade do ensino em nosso país. A falta de recursos (humanos e financeiros), de infraestrutura e de investimentos (em sua forma mais ampla) desgasta o sistema educacional. Como relatado pelos discentes, a maioria dos docentes precisa subdividir os horários destinados à disciplina de Língua Portuguesa, por exemplo, em uma classe de 3º ano do Ensino Médio, delimitando se o conteúdo a ser ministrado contemplará língua portuguesa, redação ou literatura. Levando em consideração a necessidade do cumprimento da carga horária e do conteúdo, às vésperas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), por exemplo, o olhar mais diligente é concedido majoritariamente às questões ligadas à língua portuguesa e à redação. É importante salientar que, mesmo em tempos digitais, o papel das bibliotecas é de suma importância para a prática da leitura literária, mas infelizmente a maioria não recebe o apoio necessário para que possa desenvolver seu papel complementar no ensino-aprendizagem dos educandos. Apesar do incentivo concedido pelo **Programa Nacional do Livro e do Material Didático** (PNLD) Literário, esse ainda é insuficiente.

Dessa forma, a vivência dos pibidianos apoiou-se na reflexão das questões ligadas à aplicabilidade da Lei 10.639/2003. Assim, aos pibidianos e às supervisoras foram ofertados cursos e oficinas com o objetivo de prepará-los para as futuras regências. Com isso foram oferecidos:

1. Curso de formação sobre Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e Afro-brasileira;
2. Oficinas de contação de histórias;
3. Oficina sobre oralidade africana.

Simultaneamente, houve outras ações geridas pela coordenação e tutoras:

1. Elaboração de planos de ação a serem trabalhados nas escolas participantes;
2. Preparação das sequências didáticas a serem desenvolvidas nas escolas (planos de regência).

Após o processo inicial de observação das turmas, reuniões de orientação, preparação dos planos de ação de cada escola e da construção individual das sequências didáticas, os pibidianos passaram à fase de execução das regências. Para os alunos do 4º semestre, esse foi o primeiro contato com uma sala de aula, enquanto para os do 5º semestre, que já haviam concluído a disciplina de Prática Pedagógica, o terreno não era desconhecido, pois já haviam tido um contato mínimo com o ambiente escolar. Cada aluno contou com duas regências em turmas de 8º ano, de forma intercalada, oportunizando assim uma nova possibilidade de regressar à classe e rever questões que não conseguiram ser abordadas na primeira oportunidade, por razões ligadas ao tempo, ao nervosismo, à inexperiência etc, o que se revelou extremamente proveitoso como carga experiencial para os discentes.

Contudo, ainda é importante salientarmos uma particularidade: a Escola Dr. Anthódio Barbosa, além de acolher seis graduandos, sob a supervisão da Profª. Ana Kerse, também precisou contar com um diferencial no planejamento das atividades, uma vez que havia um integrante PcD (Pessoa com Deficiência). O aluno em questão é surdo e, no início do ano de 2023, aos dezenove anos de idade, ainda não estava alfabetizado em Libras, o que dificultou imensamente o trabalho dos discentes, mesmo com o auxílio de uma intérprete. Por esse motivo, suas atividades contavam majoritariamente com o auxílio do alfabeto datilológico presente nas questões. Esse fato, porém, nunca foi impeditivo para que o aluno fosse integrado e interagisse durante as atividades propostas no projeto. Segundo a professora, a sua inclusão auxiliou o processo de alfabetização do aluno e despertou sua interação com os demais membros da sala.

Entretanto, na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Raimundo Sampaio Rodrigues, supervisionada pela Profa. Andreia, contamos com outro cenário. Embora não houvesse alunos PcD, contamos com a realidade da periferia, cujas problemáticas, como a violência e falta de recursos, infelizmente atravessam os muros da escola. Mesmo a turma sendo do 8º ano, tínhamos nessa sala uma peculiaridade: uma aluna que, primeiramente, foi direcionada ao EJA por conta da idade, mas preferiu participar da turma regular no turno da manhã levando consigo sua bebê de poucos meses de idade. Ela era muito bem recebida pelos colegas mais novos, com quem podia contar para auxiliá-la na feitura das tarefas propostas.

Desse modo, as aulas foram regidas pelos pibidianos e acompanhadas pelas tutoras e pela coordenadora. Compartilharemos algumas propostas desenvolvidas pelos discentes. Muitas foram as abordagens propostas pelos graduandos em suas regências, predominantemente no formato conto, devido à questão do tempo, porque eles contavam com apenas o tempo da aula. Alguns exemplos:

1. O conto *O cachimbo de Felizbento*, de Mia Couto, foi trabalhado dentro do seu contexto histórico por meio da contação de histórias;
2. A questão da leitura, oralidade e senso crítico, ligada tanto à cultura africana quanto aos seus reflexos na comunidade escolar em que o alunado vive, por meio de HQs afro-brasileiras e do *Um conto de Anansi*;
3. Do enrolado ao crespo: o cabelo como identidade, história e cultura do povo africano e afro-brasileiro, cujo objetivo foi apresentar formas de arte que contemplassem a beleza negra e questões identitárias partindo da obra *Incidente na Raiz*, de Cuti;
4. O texto *O menino marrom*, de Ziraldo, em comparação com o conto *A menina Vitória*, do escritor angolano Arnaldo Santos, proporcionando debates a respeito das duas obras e como ambas se assemelham;
5. *Os serões da mãe preta*, de Juvenal Tavares, contos que possuem geralmente animais como protagonistas (onças, jabutis, papagaios, etc.) e que se assemelham aos contos tradicionais africanos. A proposta foi debater a cultura afro-brasileira por meio da literatura, porque, além de formar o imaginário do aluno, o texto literário se apresenta como um documento histórico;
6. A discussão do conto *Incidente na Raiz*, de Cuti, por outro discente, cuja proposta foi instigar a turma a refletir sobre questões como variação linguística e manifestações culturais presentes no texto;
7. O conto *Sikulume*, de Júlio Emilio Braz, foi apresentado à turma de forma performática. O docente fez uso de instrumentos musicais, como violão e bongo (construído a partir de latas de leite em pó) e chocalhos construídos em sala com tubetes e feijões, o que possibilitou aos alunos interagirem com os materiais pensando a questão do ritmo da contação da história e da interpretação;

8. Foi discutido o conto *A boneca*, de Cuti, com o objetivo de conduzir a turma à reflexão sobre questões como identidade e representatividade negra como instrumentos catalisadores de combate ao racismo;
9. O poema *Vozes-mulheres*, de Conceição Evaristo, foi discutido pela turma que, a partir dele, foi instigada a produzir poemas, em grupo, que reverberassem não apenas a voz de Evaristo contra o racismo, mas uma produção que os representasse em seu tempo e sua sociedade;
10. A contação de histórias, contextualizada com fatos históricos e a importância dos *griots*, também foi explorada em sala, partindo dos *Contos negros*, de Ruth Guimarães;
11. As bonecas *abayomis* foram construídas em sala de aula, a partir da contação de histórias sobre seu surgimento, um meio pelo qual as mães escravizadas encontraram para entreter suas crianças na época da subjugação do povo negro, propondo aos alunos uma reflexão sobre a história e cultura do povo negro;
12. Utilizou-se o poema como instrumento para discussão sobre a desvalorização da cultura afro-brasileira, e suas manifestações literárias, por meio de uma leitura em conjunto de dois poemas, *Amor* e *A palavra negro*, de Luiz Silva (Cuti), a fim de discutir em sala a importância e o reconhecimento da identidade cultural e histórica.

Muitos foram os elementos metodológicos utilizados, além dos tradicionais *datashow* e cartazes, mas também a interação por meio da construção dos próprios materiais. Na regência 4, por exemplo, foram construídos, conjuntamente, corpos, em material EVA, de diferentes cores, com o objetivo de levar a turma a refletir sobre como o racismo é atravessado por questões identitárias; ou ainda na construção das bonecas *abayomis*, na regência 11; a construção de instrumentos musicais e performance, na regência 7; a construção de *lapbook*, na regência 9, ou o uso da plataforma *kahoot*, na regência 3. É importante salientarmos que todos os materiais foram custeados e disponibilizados pelos graduandos.

As supervisoras, Profa. Ana Kerse e Profa. Andreia, além de acompanharem os pibidianos em suas respectivas turmas, também promoveram atividades como:

1. **Café Literário**, que teve como proposta uma roda de contação de histórias nas escolas, a fim de tornar o relato de contos africanos e afro-brasileiros um momento ainda mais prazeroso e afetivo com os alunos. Essa proposta foi uma estratégia para se conhecer e valorizar a cultura africana, assim como para torná-los mais críticos de si e de suas atitudes diante das reflexões promovidas pelos contos trabalhados, no caso *Os dois reis de gondar*, recontado por Anna Soler-Pont;

2. **Oficina: Quem conta um conto aumenta um ponto?** Essa proposta surgiu da necessidade de evidenciar a importância da leitura e da escrita, a partir de uma oficina pedagógica de produção de textos do gênero conto. Outrossim, ela possibilita a discussão de valores humanos, colaborando com o desenvolvimento das habilidades socioemocionais dos alunos, formando, desse modo, cidadãos comprometidos com a transformação social. Com isso, foi proposto que os alunos produzissem um (re)conto dos contos populares africanos *A menina que virou coruja* e *Ananse e o baú de histórias*.
3. **Oficina teatral:** A produção de textos teatrais escritos, a partir dos *Serões da Mãe Preta*, de Juvenal Tavares, possibilitou o contato com a literatura africana e afro-brasileira à medida que propiciou aos alunos o aperfeiçoamento das práticas de escrita por meio da produção de textos teatrais. Esse projeto promove a reconstrução da textualidade mediante o uso de recursos linguísticos, envolvendo a literatura africana e afro-brasileira, a análise estrutural do gênero texto dramático, assim como a adaptação de texto narrativo para o texto dramático. Buscou-se, desse modo, promover tanto o aprendizado teórico quanto o prático por meio da experimentação artística, enquanto incentivou a leitura de narrativas africanas e afro-brasileiras.

Considerações e aprendizados finais

O PIBID, enquanto Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, permitiu que os discentes dos cursos de licenciatura, em especial do curso de Letras da Universidade Federal Rural da Amazônia, *campus* Tomé-Açu, pudessem experimentar a prática pedagógica engajada: aquela que ensina a refletir a partir do lugar do *outro*, visando preparar a/o futura/o professora/professor para vivenciar a sala de aula. Assim, pudemos verificar que as oficinas, regências e discussões a respeito dos textos literários selecionados pelos alunos visaram à promoção de reflexões sobre o ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e Afro-brasileiras, assim como ampliaram o conhecimento sobre a história, literatura e a cultura desses países. Desse modo, acreditamos que o PIBID contribuiu para a formação dos discentes participantes, concedendo a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos e vivenciar suas práticas de forma segura, competente e respeitosa.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo. A experiência vivida*. Trad. Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê, 2003.

BRAZ, Júlio Emílio. *Sikulume e Outros Contos Africanos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

CUTI. *Negros em contos*. Belo Horizonte: Mazza edições, 2021.

CUTI. *Contos escolhidos*. Rio de Janeiro: Male, 2016.

DIAS, Ana Crelia, OLIVEIRA, Maria Fernanda Alvito Pereira de Souza e MENEZES, Danielle de Almeida. *PIBID - Letras - Português - Literaturas*. <http://www.pibid.pr1.ufrj.br/index.php/edital-2013-mar2014-a-fev2018/9-areas-de-conhecimento/11-letras-portugues>

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LATERMAN Ilana e AGOSTINHO Kátia (org.). *Perspectivas do estágio curricular na formação docente : educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental*. Florianópolis: NUP, 2017.

SARAMAGO, José. *Que farei com este livro?*, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.